

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A CRISE

DO

THEATRO PORTUGUEZ

1.^a CONFERENCIA



LISBOA

EMPRESA EDITORA DO ALMANACH PALHARES
PALHARES & MORGADO

75, 1.^o—R. do Crucifixo—75, 1.^o

1901

7
41
35

PALAVRAS PRÉVIAS

Duas são as razões que me induzem a dar ao prelo a presente conferencia. A primeira é o exito inesperado que ella obteve, no estreito ambito de uma sala á cunha, onde não lograram penetrar todos quantos alli impel-lira o interesse pelo assumpto. A segunda é o tel-a visto um pouco desnaturada nas noticias, aliás muito captivantes, da imprensa, e desejar que do meu pensamento permaneça uma reproducção textual e rigorosa.

Por isso, embora reconheça no meu trabalho todas as imperfeições do improvisado com que foi executado, em intervallos vagos de tarefas urgentes, julgo dever de lealdade não o alterar sequer n'uma virgula. Quero que a impressão dos leitores se differencie da dos ouvintes apenas em ser mais nitida.

Uma impugnação justíssima me fizeram alguns jornalistas. Apontando os males, não indiquei os remedios. Mas ao encontro d'essa objecção fui eu na propria conferencia, cujos limites rasoaveis me inhibiam maior prolixidade. Prometti contudo completar o trabalho em subseqüentes palestras, que não poderão talvez ser poucas para desenvolver convenientemente todos os pontos importantes do complexo assumpto.

Farei o possivel para cumprir a promessa e corresponder, na medida das minhas faculdades, ao lisonjeiro interesse que despertei.

Com o coração nas mãos declaro que não espero resultado effectivo do meu clamor n'este populoso deserto. Mas enfim, vamos atirando barro á parede. Por um acaso providencial, póde ser que alguma chapada pegue.

Ah! se os meus collegas da imprensa quizessem auxiliar-me!... Não terminaria eu com o desconsolador proloquio do nosso poeta maximo: « Palavras e plumas, o vento as leva ».

Janeiro, 1991.

O AUCTOR.

A CRISE
DO
THEATRO PORTUGUEZ

PRIMEIRA CONFERENCIA

Meus senhores :

Não dissimulo que é para mim singularmente escabroso o terreno em que vou arriscar-me. Confesso que hesitei largo tempo sobre se daria seguimento á ideia, de ha muito meditada, de trazer a publico as considerações que me suggere o assumpto d'esta conferencia. Dois são os perigos que me assoberbam. O primeiro é que se attribua a exclusivos interesses pessoas a mór parte das observações que me occorrerem, sobretudo quando ellas rebuçarem censuras e accusações. O segundo é que nas cabeças que sentirem a pressão, embora leve, das minhas carapuças, germinem sentimentos de rancor que está longe do meu animo excitar.

Em consciencia, reconheço a razão de ser

da primeira suspeição, por maiores que sejam os meus esforços para manter a linha da mais absoluta imparcialidade. Eu não serei decerto o mais bem escolhido para a promulgação das sentenças, n'uma causa em que sou parte. Mas não é minha ambição o pronuncial-as. A minha experiencia de quinze annos recomenda-me porventura como elemento apreciavel de elucidação n'um assumpto que de quando em quando se debate, ás vezes com imperfeito conhecimento dos postulados. Por conseguinte, esta minha conferencia limita-se a um singelo depoimento de testemunha, grande numero de vezes presencial, ou, quando muito, se me é permitida uma classificação mais ambiciosa, ao relatorio de um perito.

É apenas n'este campo que conto manter-me. Não se esperem pois de mim profundas lucubrações de philosophia ou largas e subtilexplanções de esthetica. Com grande pezar meu, não sou philosopho nem critico. Aos philosophos recorro, mais ou menos proficua-mente, para me guiarem o entendimento; aos criticos forneço materia prima, mais ou menos avariada, para saciarem as suas ancias de analyse. É pois apenas como auctor dramatico que vou apresentar, muito terra a terra, um punhado de observações sobre a doença

de que visivelmente enferma o theatro nacional, afim de que os competentes possam d'ellas tirar diagnostico e prognostico, e exercer com cautela a sua acção therapeutica.

Quanto ao segundo perigo, esse confio que o desviará a circumspecção dos proprios a quem a minha voz eleve rebates na consciencia. As carapuças que por acaso queiram ver talhadas são de uma innocuidade bucolica: para as cortar, nem por sombras pensei em arrancar algum pedaço d'aquella fazenda excitante e inflammatoria em que foi talhada a tunica de Nesso. Se promover algum sorriso, que elle tenha todas as cores do arco-iris, menos o amarello. E podem ficar socegados os que me escutam. Segundo as regras bebidas em todos os codigos do bom tom, os presentes são sempre exceptuados nas insinuações. Se a sua indulgencia me prestar ambiciosas proporções de machina de guerra, a trajectoria dos meus projecteis, passando sobre as suas cabeças, dêixal-os ha indemnes; se os tiros houverem de fazer qualquer pequeno destroço, nem com oculos de grande alcance se poderá medir a importancia do damno.

A consciencia da minha fraqueza, alliada á experiencia do meio em que vivo, nem se-

quer essas veleidades me permite. As verdades que eu por acaso proclame, quando não sejam sofregamente engulidas pelos echos d'esta sala, darão materia a umas tantas linhas elogiosas que de antemão agradeço aos meus benevolos collegas. Do assumpto nem a imprensa se occupará provavelmente, presa como está de anciosa curiosidade sobre a deixa de sahida para algum ministro demissionario e de entrada para o substituto. Quando muito, limitar-se-ha de quando em quando a vagos queixumes sobre a decadencia do theatro, os quaes terão como unico resultado alguns estremecimentos de vaidade ferida no animo dos profissionaes mais susceptiveis d'essa fraqueza moral.

Os magnates a quem compete o estudo do problema, quando percorrerem o jornal, se acaso o seu olhar recahir sobre essas linhas, terão um movimento de despeito, como se, illudidos por uma epigraphe aperitiva, se houvessem embrenhado n'um reclame da salsaparrilha de Ayer. Quanto ao publico, esse, por Deus! como costumam dizer as personagens das tragedias que me pezam na consciencia. . . o publico lerá talvez o artiguinho e commental-o-ha entre o ovo estrellado e a torrada, ao sabor das suas sympathias, de-

pois irá para os seus affazeres, até que á noite beba com delicias todos os venenos que lhe propinam ou se extasie na apparencia deante de cousas consagradas pelo criterio dos snobs, mandando intimamente a todos os diabos o empresario que lh'as impingiu.

*

Porque, meus senhores, ao contrario do publico francez, ou para melhor dizer parisien-se, que se apaixonou por assumptos de theatro, preterindo por vezes outros de importancia vital, o nosso publico espraia-se sempre na mesma estagnação de indifferença, deixando-se ir inerte á mercê dos ventos da voga, e encrespando-se apenas á superficie quando lhe cae em cima desprevenidamente o pedregulho de um crime como o do Barreiro, muito mais surprehendente para elle do que o proprio addicional das decimas, a que periodicamente o habituaram.

E no emtanto não deixa de frequentar os theatros. Desegualmente, é certo, obedecendo a caprichosas preferencias, denunciando inexplicaveis antipathias, desmentindo as mais bem fundadas previsões, mas emfim deixando nas bilheteiras a mais significativa e palpavel

das provas do seu gosto pelo theatro. Proporcionalmente, raras serão as capitaes em que a população indigena, sem auxilio da fluctuante que entre nós é minima, concorra com maior assiduidade aos espectaculos publicos.

Por conseguinte, se realmente existe a apregoadada crise do theatro portuguez, o povo da capital pode lavar as mãos como Pilatos, e a propria hygiene folgará com estas abluções cuja frequencia nunca é demasiada. Se alguns resquícios de culpa lhe empanam a consciencia, pode descarregal-os sem medo sobre os seus dirigentes intellectuaes, que jogam quasi sempre com elle a cabra-cega. Mas não antecipemos os nossos effeitos, queimando desde já uma das mais bellas peças do nosso fogo de artificio.

Uma pergunta basilar se me offerece: Existe realmente a crise do theatro portuguez? Não duvido responder que sim. A existencia de uma crise manifesta-se pelas queixas de todos, ou da maioria dos interessados no assumpto. Na hypothese particular de que tratamos, evidenciar-se-ha pelo mau estar dos actores, pela instabilidade das empresas, pelo afastamento dos auctores, pelo mau humor ou pela indifferença da critica. Ora todos estes symptomas se revelam distinctamente no nosso meio

theatral. Quer-me parecer que esta doença não é um facto isolado: ella deriva de causas morbidas que estão a estas horas influindo sobre a arte e a litteratura dramatica em todo o mundo culto. Como em todos os ramos de actividade artistica, ha no theatro periodos de cansaço, mais ou menos longos. A fecunda producção romantica quasi que exgotou o theatro. Anciosos de trazer para o palco sensações novas, creio que os modernos seguiram trilho falso escolhendo-o para campo de subtilzas de psychologia individual e social, e, na melhor das intenções, baralharam os generos. Como muito bem diz René Doumic, o illustre critico da *Revista dos Dois Mundos*, uma geração de analistas e de ironistas não é a mais apta para dar auctores dramaticos. Mas emfim, seguindo o meu programma, abstenho-me de debater estas questões de transcendente critica geral, limitando-me ás considerações muito terra a terra que me suggere em especial o nosso meio.

Basta que ao de leve me refira a influencias, ás quaes não pode furtar-se o nosso organismo theatral, pois que a enfermidade se manifesta por toda a parte. Desgraçadamente, a epidemia encontrou o nosso theatro já debilitado por diversas causas idiopathicas, e